

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

RESENHA ANALÍTICA

LORENA DOS SANTOS MENDES

A presente resenha tem por objetivo analisar o projeto “Cinema e Complexidade: Formação Docente em Metodologias de Projeto na Escola Pública” para a linha de pesquisa “Artes, filosofias e Resistências”, escrito pelo professor Gustavo Franklin Gomes de Freitas e disponibilizado aos alunos bolsistas do PIBID-UEMG Edital 04/2024. Pretende-se nesta resenha e focar a análise na Metodologia de Projetos Transdisciplinares.

O projeto se inicia com um “Memorial” retomando alguns conceitos importantes quanto ao ensino da Arte. Em contrapartida à maneira com que, infelizmente, a Arte ainda é considerada nas escolas – um mero fazer livre ou disciplina de menor importância – seu verdadeiro sentido é destacado, fundamentando-se em Salomé (2010) com uma importante citação do Manifesto Diamantina: o ensino de arte “é também alfabetização”. Está dado o ponto de partida para que as demais elaborações a respeito da Arte sejam realizadas. Fazendo um apanhado legislativo, fica evidente o quanto ela como um campo do saber, tão importante quanto qualquer outro, ainda é recente. As contradições da realidade do “chão da escola” também desempenham papel restritivo quanto às possibilidades de avanço prático em uma efetivação mais profunda do ensino da Arte como é concebido em suas discussões mais avançadas. A crítica ao atual sistema educacional vai adiante apontando a fragmentação do conhecimento como uma espécie de método em si que leva à evasão do engajamento dos alunos nas aulas de Arte. Os questionamentos levantados pelo professor Gustavo aqui são fundamentais. Um desafio desponta. Afinal, como fazer quando queremos uma escola que “pense o mundo como parte de si”? Segundo a argumentação apresentada, a Metodologia de Projetos, fundamentada no pensamento complexo, pode ser uma resposta.

A Transdisciplinaridade, por vezes, pode ser entendida como uma etapa superior à Interdisciplinaridade, visando alcançar um estágio de unificação epistemológica. Porém, como aponta professor Gustavo a partir de um referencial bibliográfico com diferentes contribuições, ela também pode ser vista em variados “tipos e graus” que estabelecem uma relação tanto com o “inter” como o transdisciplinar. A Metodologia de Projetos, dessa forma, quer o rompimento da lógica de compreensão parcial dos saberes o que, inclusive, faz com que os educandos

tenham acesso limitado às oportunidades que se pretendem ofertar em uma educação emancipatória. É preciso educar para formar sujeitos mais críticos, que se posicionam frente à realidade da própria vida. Em um “mundo preso às sombras informacionais”, o espaço dialógico entre saberes é “resistir ao reducionismo”. Nesse sentido, a teoria da complexidade, de Edgar Morin (2000) oferece um subsídio teórico de grande relevância, que aprofunda a Metodologia de Projetos.

Santos (2006) traz um elemento para solidificar a escolha da localização da Metodologia de Projetos a partir da teoria escolhida: não existem métodos neutros. A Teoria da Complexidade de Morin (2000) demanda a compreensão do contexto, do global, da multidimensionalidade e da complexidade das questões estudadas. Em suma, o contexto é crucial para evitar abordagens fragmentadas e para integrar os saberes. O global vai além do contexto imediato, entendendo que o todo não é a soma das partes, mas exige compreensão dialética. Já a multidimensionalidade defende o ser humano e a sociedade como o que é dotado de aspectos distintos que se integram, sendo eles: biológicos, psíquicos, sociais, afetivos e racionais. Por fim, a complexidade é justamente tudo isso que compõe os “fenômenos e os seres que os estudam”. Dessa maneira, adotar a Metodologia de Projetos referenciada na Teoria da Complexidade é potencializar o protagonismo dos estudantes em seu próprio processo de aprendizagem, abrindo espaço para que temas relevantes e também complexos sejam trabalhados de maneira a provocar uma “atuação responsável perante a sua realidade”.

O caminho que o projeto, objeto desta análise, toma a seguir, é o de articular tais reflexões com a necessidade de elaborar um produto pedagógico que culminará na publicação de um protocolo-guia para formação de professores. O foco escolhido para desenvolvimento deste projeto foi o Cinema. A escolha está justificada por sua natureza multirreferencial, além de destacar embasamento na legislação quanto à promoção do cinema brasileiro nas escolas. O Cinema entra como “campo integrador dos saberes, promovendo uma formação crítica” e catalisador de “práticas pedagógicas complexas”. Tais práticas – que ganham corpo no fazer docente do professor Gustavo com a elaboração de filmes, desde à escrita do roteiro, até à captura audiovisual e edição, estão sendo executadas na Escola Estadual Caetano Azeredo – BH e acompanhadas por estudantes universitários bolsistas do PIBID, Edital 04/2024, tendo como alvo de estudo transdisciplinar “Afrobrasilidades”. Torna-se inquestionável, neste ponto da análise, que a Metodologia de Projetos baseada na Teoria da Complexidade pode ser uma ferramenta para diversas áreas, não somente se lançando ao ensino de Arte ou do Cinema, mas os usando como articuladores do método de ensino em si. Nessa perspectiva, instigada pelo

processo em curso na Escola Estadual Caetano Azeredo, a partir das observações de campo, gostaria de destacar que uma das realidades indissociáveis da escola, da sociedade e do mundo está centrada no debate racial.

Quando Frequet e Migliorin (2014) são citados em seu entendimento a respeito de encontrar o gesto de educar no fazer cinema, professor Gustavo complementa: “É preciso escolher, conectar, decidir a cada instante”. Esse movimento ativo de reflexão, tomada de consciência e ação é vivida pelos alunos engajados e convencidos dentro da proposta forjada na Metodologia de Projetos. Nasce daí, portanto, questionamentos profundos que os próprios alunos se veem impelidos a buscar respostas, que compreendem tanto auto quanto heteroidentificação racial, assim como o significado disso. A institucionalização da Metodologia de Projetos pode e deve estar à serviço desse tema nas escolas. Em um Brasil fatalmente atingido por essa ferida tão latente na construção da nossa história escravocrata, o que resulta ainda hoje em compreensões tão distorcidas a respeito do que é ser negro aqui, a educação crítica não se furta ao compromisso de assumir tal complexidade. Questões como o mito da democracia racial, colorismo, lugar de fala e racismo estrutural certamente constituem o percurso. Caminhando para encerrar estas reflexões iniciais, sem intenção de esgotá-las, mas inflamá-las ainda mais, uma pergunta-problema se apresenta: **como a Metodologia de Projetos pode contribuir no processo de letramento racial nas escolas públicas, promovendo aos educandos uma compreensão aprofundada e mais completa de si e do outro no mundo?**